

ZÉRO

★ FLORIANÓPOLIS
Nº 41 - AGOSTO 92



Exclusivas

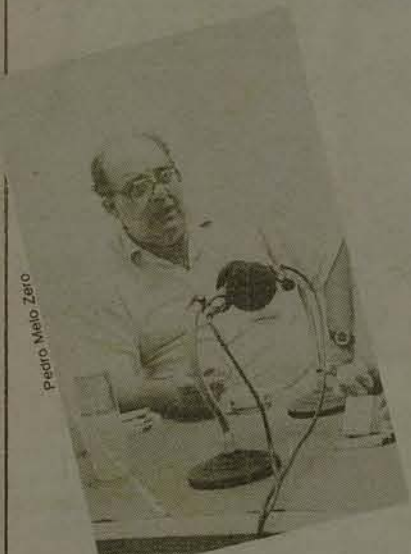
*Nilson Lage
fala de ensino,
jornalismo...*



JAMAICA

O país, o povo, as cores, os sons.

*nosso repórter **REGGAE** conta
o que viu*



*Mesquita conta
o que pretende
com a (ex) TV-E*

Eleição polêmica e disputada

Servidor se elege mas não leva

O dia oito de julho registrou a mais disputada e prestigiada eleição do Curso de Jornalismo e do Departamento de Comunicação. Com uma novidade, inédita (para o cargo) na universidade: um servidor se candidatou para a coordenação do Curso. Esta votação para Coordenador, no entanto foi rejeitada pelo CEPE em agosto, porque foi eleito o servidor Dalton Barreto. Apesar da candidatura ter sido aceita pela Comissão Eleitoral, ela contraria o regimento da universidade, que permite somente a candidatura de professores. O Colegiado do Curso, mesmo assim, encaminhou o processo à Reitoria. Mas não adiantou. Vai ser preciso efetuar nova eleição.

Dalton Barreto, formado em Ciências Sociais, concorreu sozinho e venceu por 93 a 73 a professora Valci Zuculoto, da chapa *Mais Dignidade*. O professor Luis Alberto Scotto, da mesma chapa, foi eleito para sub-coordenador superando em apenas três votos o professor José Gatti da chapa concorrente. Ele recebeu 83 votos contra 80.

Simultaneamente ocorria a eleição, proporcional, para a Chefia do Departamento de Comunicação. O professor Francisco Karam, da chapa *Mais Dignidade* foi o mais votado pelas três categorias - alunos, professores e servidores. Ele ficou com 59,4% dos votos contra 39,3% do concorrente, professor Henrique Finco. Para a subchefia foi eleita a professora Carmem Rial. Ela não obteve a melhor votação entre professores e alunos, mas conseguiu apoio decisivo entre os funcionários. Carmem vendeu o professor Sérgio Weigert, da chapa *Mais Dignidade* com quase 10% de diferença: 51,5% contra 41,8%.

A eleição começou às oito horas da manhã e se estendeu até às 20 horas. Dos 205 eleitores, 170 votaram, atingindo o maior índice registrado - 82,9%. A movimentação foi mais intensa pela manhã onde houve até disputa de boca de urna.

O professor Hélio Schuch, protestou, por não ter sido convocado para a eleição. O professor Mauro Pommer e a professora Sônia Maluf, que estão no exterior fazendo pós-



Os eleitos: Dalton (para a Coordenação), Carmem (sub-chefia) e Karam (novo Chefe)



Olhares atentos para a apuração...



...enquanto Dalton pensava no CEPE...



...e Scotto, se ganharia de novo

graduação, enviaram o voto por fax. O voto de Mauro Pommer chegou. O fax de Sônia desapareceu, por displicência da comissão eleitoral. Dois dias antes da eleição o fax chegou à Reitoria. Por volta das quatro horas da tarde, o funcionário do Departamento, João José Borges recebeu a correspondência endereçada à professora Gilka Girardello, membro da Comissão Eleitoral e deixou em seu escaninho. Gilka nem chegou a vê-lo: entre quatro horas da tarde do dia seis e a manhã do dia se-

guinte o fax sumiu. O voto não foi necessário, nem altera o resultado.

Outra vitória - Entre 14 e 16 de julho, o professor Francisco Karam voltou a disputar nova eleição, desta vez concorrendo a uma das cinco vagas junto à Comissão Nacional de Ética e Liberdade de Imprensa da Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj. Somente em Santa Catarina, dos 312 eleitores, Karam obteve 308 votos. Foi para um mandato de três anos, na chapa encabeçada pelo mineiro Américo Antu-

nes e que inclui dois ex-professores do Curso de Jornalismo da UFSC: Daniel Herz, no cargo de diretor de Relações Institucionais e Ayrton Kanitz, companheiro na Comissão Nacional de Ética e Liberdade de Imprensa. O jornalista Sérgio Murillo de Andrade, que integra o Colegiado do Curso de Jornalismo da UFSC, também concorreu e é o novo vice-presidente da Fenaj para a região Sul, representando os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Claudine Nunes



ZERO

Agosto 92
Nº: 41



Melhor Peça Gráfica

I, II, III e IV Set Universitário Maio 88 Setembro 89, 90, 91

Jornal laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Arte: José da Silva Jr.

Apoio: Adriane Canan, Érida Souza, Giovana Borini, Joana Ferreira, Kiria Matos, Maria Alice da Silva, Maria Paula Pereira, Nelson Correia, Patrícia Jacomel, Raquel D'Ávila, Rogério Mosimann, Suzana Napolini.

Colaboração: Sílvia Pavesi, Cleide de Oliveira; jornalistas-professores Eduardo Meditsch, Francisco Karam, Gilka Girardello, Luis Scotto.

Diagramação: Alexandre Gonçalves, Celso Rivero Gick, Cristiane Miranda, Juliana Klann, Jussara Campelli, Karina Manarin, Mônica Linhares, Sara Caprario, Victor Carlson. Edição e supervisão: Professor Ricardo Barreto (MTb 2.708-RS).

Edição: Alexandre Gonçalves, Ana Paula Luckman, Claudine Nunes, Maria Paula Pereira, Mônica Linhares, Nelson Correia, Patrícia Jacomel.

Fotografia: Cristina Gallo, Lauro Maeda, Monica Linhares, Murilo Napolini, Pedro Melo, Victor Carlson.

Textos: Alexandre Gonçalves, Ana Cláudia Menezes, Claudine Nunes,IVALDO BRASIL JR., José da Silva Jr., Mariano Sena da Costa, Monica Linhares, Murilo Napolini, Nelson Correia, Rogério Mosimann.

Montagem: Marinho Acabamento e impressão: Imprefar

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-COM), Trindade, CEP 88045, Florianópolis, SC.

Telefones: (0482) 31-9215, 31-9490

Telex e telefax: (0482) 34-4969

Distribuição gratuita. Circulação dirigida



Povo amável torna visita envolvente

Prepare o espírito, o pulmão e as pernas. Mantenha os olhos bem abertos. Chegar na Jamaica é um prazer imensurável, conhecê-la passa a ser uma doce brincadeira de descobertas. As cores, a música, o povo, as praias, a cor da água do mar, as ondas, a ganja e o Festival Sunsplash de Reggae abalam qualquer turista de qualquer parte do mundo. Na ilha vale tudo. Ou quase. Estar antenado na boa sintonia das vibrações jamaicanas é um *must* para qualquer visitante. Ficar atento aos prazeres e às incoerências de um país terceiro mundo é lei de sobrevivência.

A Jamaica esconde particula-

ridades que só serão vistas por aqueles que quiserem mergulhar fundo no cotidiano do país. O povo é amável, "easy" (como dizem), às vezes em excesso. Um turista de pele branca é abordado a todo instante na rua pelos vendedores ambulantes e pelos *hustlers*. Eles tentam vender de tudo ou prestar "qualquer" serviço, desde um táxi ou um quarto em uma pousada, até a cerveja gelada, cocaína ou maconha. Quando você se livra de um, já aparece outro com o mesmo papo.

A vida é bem cara para os jamaicanos e para nós brasileiros que vivemos em cruzeiros. Ao comentar em Montego Bay, durante a realização do Sunsplash Reggae Festival, em julho de 91, que um dólar norte-americano correspondia a Cr\$ 400,00, o vendedor ambulante deu gargalhadas e chamou alguns amigos mais próximos para contar a anedota brasileira. Eles reclamam porque US\$ 1,00 corresponde somente a 15 dólares jamaicanos.

Existem bons lugares onde dorme-se e come-se por preços bem razoáveis, mas é preciso procurar e se jogar na estrada esburacada em que os carros andam à inglesa e os ônibus passam superlotados como volume do som próximo ao dez. Não esqueça, relaxe, curta a música e não se irrite. A senha é "cool", "easy" e "no problem". Leve-as até as últimas consequências. Os preços de tudo variam conforme a cidade em que você está e a respectiva taxa cambial e a cara, simpática ou não, do turista. Lá, ser negro só traz vantagens.

Dois aeroportos internacionais conectam a Jamaica com o mundo. O de Montego Bay é maior, recebe a maioria dos vôos provenientes da América e da Europa e é o mais próximo de Cuba e de Miami. Já o de Kingston, resume-se a poucos vôos de curta distância — Panama City, Barbados, Haiti, etc. Montego Bay ou Mo Bay, para os íntimos, é o porto de chegada da grande maioria dos japoneses, alemães, italianos e americanos, que vem todos os anos para o Sunsplash. O festival acontece no Bob Marley Entertainment Center localizado perto da saída oeste da cidade.



Um hustler galá



As cores e os dreadlocks rastafaris

A VIAGEM

Ao país do prazer e do reggae

TEXTO E FOTOS POR MURILO NASPOLINI

Uma ilha fértil e criativa. Terra de madeira e de água. Difícil encontrar em tão pequeno espaço uma natureza tão exuberante. Cachoeiras, rios, praias paradisíacas (o que é normal no Caribe), água cristalina, povo receptivo ao extremo, rum, reggae e malandragem. É só o começo do que a Jamaica pode oferecer a um turista recém-chegado. Com o passar dos dias, sob o sol escaldante de 35 graus ou mais, o orgulho local de ser jamaicano e as surpresas da descoberta de um país colorido, alegre e surpreendente, deixam qualquer um extasiado. Jamaica é acima de tudo, prazer.

Localizada 150 km ao sul de Cuba e 160 km a oeste do Haiti, a terceira maior ilha das Antilhas possui 235 km de comprimento e entre 35 e 82 km de largura. O clima tropical é refrescado constantemente pelas brisas marítimas e a taxa de umidade é bem alta. O inverno (estação das chuvas) inicia em maio, logo, entre dezembro e abril estão os melhores meses para conhecê-la.

Descoberta por Colombo em 1494, quando apenas as tribos de índios Arawak habitavam a ilha, ocupada quase um século depois pelos espanhóis e invadida em 1655 pelos ingleses, a Jamaica sofreu a dizimação dos arawak, recebeu enormes contingentes de mão-de-obra africana transformados em escravos e finalmente libertos em 1833.

Independente desde 1962, com um regime de governo parlamentarista comandado pelo primeiro ministro Michael Man-



Austin: duro de viver

ley, o país teve seu panorama político bem agitado na última década com sucessivos boicotes eleitorais dos partidos de oposição. Hoje o Partido Nacional do Povo (PNP) detém o poder em um governo de coalizão dando um fim aos combates áspers entre situação e oposição.

O povo jamaicano é um capítulo e um espetáculo a parte. A maioria absoluta é negra, mais de 90%, o restante é composto por mestiços, ingleses, árabes, indianos e chineses. Nas ruas e nas praças tem-se a impressão de que a ilha vive dentro de um caleidoscópio, com inúmeras combinações coloridas e que estão em incessante movimento. As roupas são coloridíssimas, às vezes berrantes e fabricadas com tecidos bem leves a fim de não comprometer o padrão estético das calças e das camisas de mangas compridas. Muito raramente um jamaicano estará usando camiseta e bermuda.

Os turistas, ao contrário, muito raramente não estarão com elas. Outdoors espalhados pelo país estampam Proud to be Jamaican — orgulhoso de ser ja-

maicano. É pura verdade. Eles encham a boca para falar bem da Jamaica e o seu "way of life". Usam diversos tipos de cortes de cabelo, desde os dreadlocks (cabelos não penteados e com tranças) dos rastafaris até os desenhos feitos no couro cabeludo estampando nomes, traços, linhas, teias de aranha, etc. As aparências demonstram um povo alegre e fácil de se lidar. As evidências, já espelham a cara e a coroa de uma moeda desvalorizada, de um país de terceiro mundo, em que a paradoxal diferença social é transparente aos olhos de qualquer um.

"Na Jamaica é duro de se viver", comenta Austin Kerr, 32 anos, professor secundário do St. George's College em Kingston. "A maioria dos jamaicanos ou sonha ou realmente vai para os Estados Unidos trabalhar para voltar com dinheiro. Junto com a necessidade de dinheiro, nós jamaicanos valorizamos muito as crenças e as diversas religiões". Para ele "as igrejas trabalham juntas e são a mais forte instituição jamaicana. Católicos romanos, anglicanos, batistas, protestantes, metodistas, pentecostais e rastafaris são os mais poderosos". Kerr, que é diplomado em Teologia, acredita que a religião rastafari está em processo de estagnação. Os rastafaris esperam sabe lá por quem. Primeiro foi Marcus Mosiah Garvey, depois o tirano etíope Hailé Selassié, e por fim, Bob Marley. Desde então a "luz não é mais a mesma. Meus alunos não querem ser rastafaris".

Murilo Naspolini Zero



O irreverente baixista da banda de Yellow Man

Todos os reggae no Sunsplash

Jamaica une o mundo pela música

Em julho de 91 foi a 14ª edição do maior festival de reggae do planeta. Sempre realizado entre julho e agosto, o *Sunslash* de 1991, produzido como sempre, pela *Synergy Productions*, começou dia 15 de julho, uma segunda-feira e prolongou-se até o dia 21, no começo da tarde. Over reggae. Neste ano cada noite teve um nome especial seguindo a tendência musical dos artistas. Dia 15, segunda: *Reggae Beach Party*, na praia de Cornwall. Foi o primeiro dia e, como era previsto, o mais fraco. A partir de terça-feira, os shows seriam realizados em um só palco, o do *Bob Marley Center*, até o fim do festival. É que palco! Que festa! Que loucura! No dia 16 de julho, terça-feira *Caribbean night*, com bandas de Trinidad e Tobago, Antigua e Barbados executando ritmos locais como *soca* e *calypso*. Gurizotes de Barbados com cara de surfista australiano cantando lambada em inglês. Bizarro e palha!

Na quarta, começou o bem bom, finalmente surge o reggae na *World Beat Night & dub-poetry* do loiro rastafari Oku Onura impressionou (seu som faz lembrar Linton Kwesi Johnson), Itals, Gregory Isaacs e Pato Banton deram conta do recado mantendo a galera eufórica. A grande surpresa veio da África do Sul. Guardem este nome e não esqueçam: Lucky Dube. Ele arrebitou, deixando os jamaicanos boquiabertos e provando que o reggae não é mais exclusivo da Jamaica. Um naipe de três metais, três backing-vocals (fez lembrar I-Threes), muita



Ziggy Marley dividiu a festa



...com Maxy Priest e Oku Onura

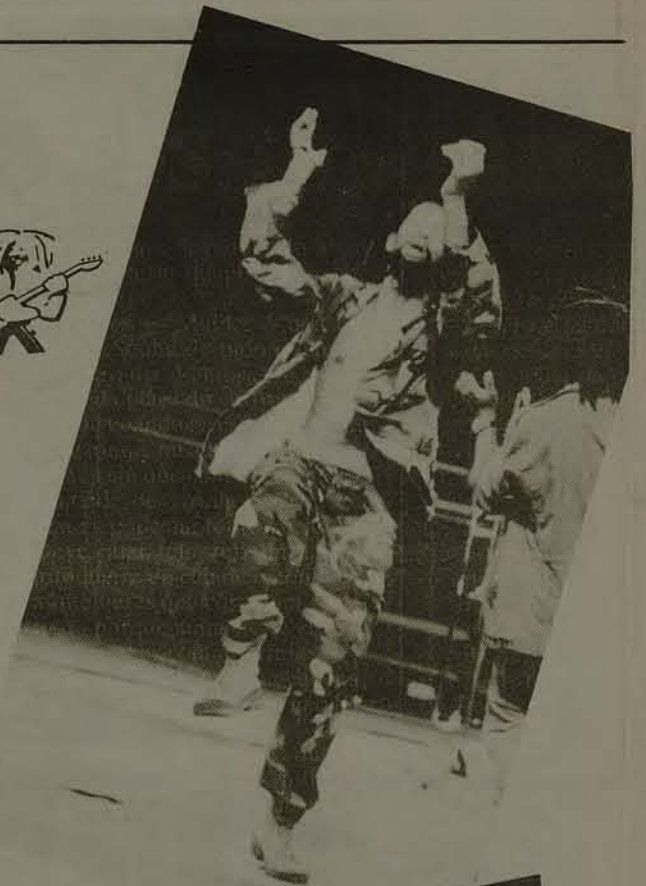
competência usical e resença de palco marcante de Lucky e toda banda. Uma mistura de dança zulu e reggae. Impossível ficar parado.

A tão esperada *Dance Hall Night* comprovou a fama. Foi o dia mais cheio do festival. Muitos jamaicanos economizam o ano inteiro para estar lá na apoteótica quinta-feira. A noite dos DJ's e da ladainha escancarada. Vale a rima. O público gosta, dança e ri muito. O regionalismo do Dancehall nos faz lembra das trovas e repentes nordestinos. Destaques para as performances de Richie Stevens, Yellowman, Charlie Chaplin, Pinchers (com o irres-

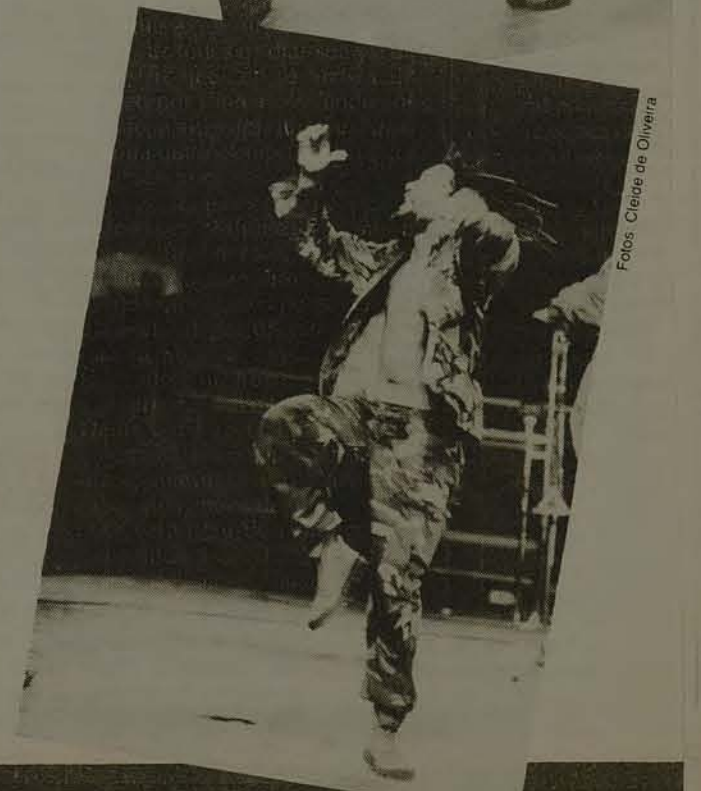
tível hit *Bandolero*), Reggie Stepper, Cutty Ranks e a ausência do ícone Ninjaman que preferiu estar em Nova Iorque. Foram aproximadamente 13 horas de Dancehall e Raggamuffin, das nove da noite até às 9h30min da manhã seguinte. Na sexta-feira (dia 19/07), *Singers Night* com a presença de Third World, Coco Tea, John Holt, Sanchez, Freddie McGregor, Frankie Paul, Junior Reid e outros.

Para encerrar, no sábado à noite, um mega-espetáculo que comanda o fluxo turístico em julho. Vários vôos extras foram oferecidos em função do Sunsplash. Mo. Bay estava "busy" Lotadér-rima. Os preços subiram bastante e achar um quarto bom e barato era raro. Motos e carros de aluguel nas ruas, nada nas garagens. As "braids" e os "dreadlocks" eram oferecidos a qualquer turista que tivesse cabelo suficiente. A noite internacional encerrou muito bem a 14ª edição do maior festival de reggae do mundo. Julian Marley (filho de Bob e uma amante), I-Threes, Ziggy Marley (filho de Bob e Rita) and the Melody Makers, Carlene Davis, Mutabaruka, Andrew Tosh, Shabba Ranks (DJ nº 1 da Jamaica), Shinehead (DJ nº 1 em New York), Little Lennie, o rei Dennis Brown e a inesperada visita de Maxi Priest levaram o público ao delírio. Foram mais de 15 horas de nonstop reggae.

Ao meio-dia de domingo, sob o sol escaldante, Dennis Brown encerrou o evento invocando o lema do *Sunslash: Uniting world through music* ou "unindo o mundo através da música" e convidando todos para a próxima sessão em 1992. parecia que "the dream was over", parafraseando o slogan da década de 60, mas foi só a primeira mostra do que é que a Jamaica tem. Agora em 1992, recomeça tudo, com muito mais.



O irrequeto Lucky Dube representou a África do Sul



Fotos: Cleide de Oliveira

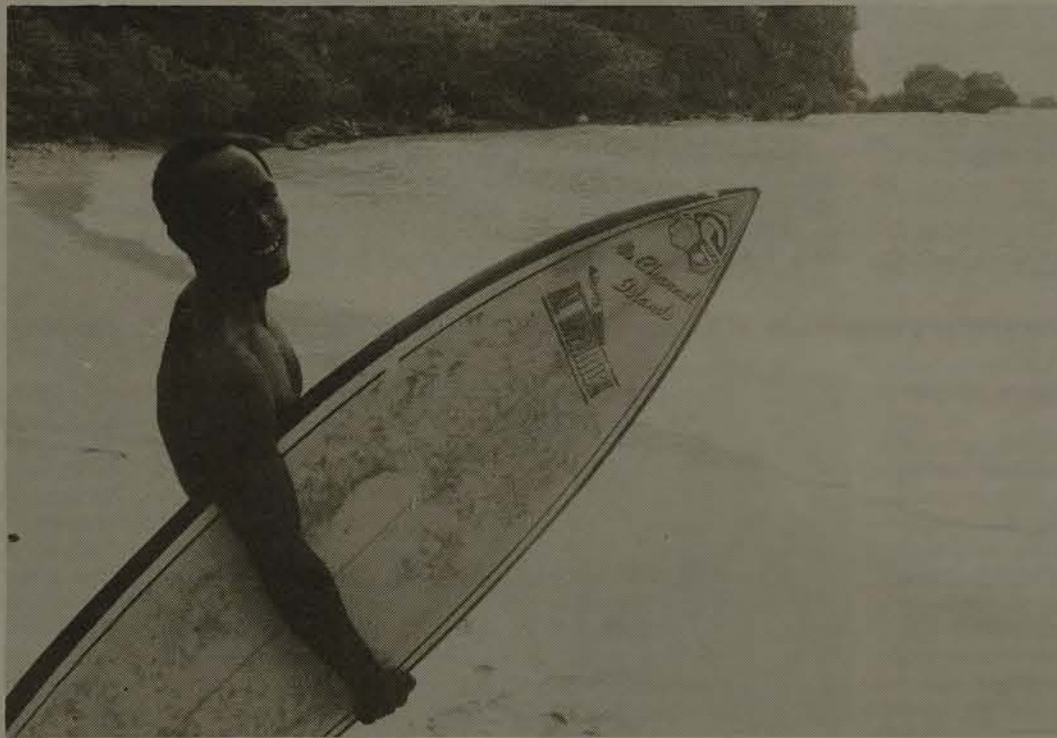


As ondas do Caribe

Chegue depois de dezembro e vá por Miami

Contrariando muitas informações já divulgadas por algumas revistas especializadas nacionais, o surf na Jamaica existe sim. Há belíssimas praias, boas ondas, ondulações, ventos, fundos de pedra, de coral e de areia. Tudo movido a rum, sol, *ganja* e reggae. Esqueça sua roupa de borracha no fundo do seu armário no Brasil, leve parafina suficiente para uma estadia, *leashes* e equipamento sobressalente, inclusive para eventuais consertos. Os jamaicanos não conhecem bem a arte de deslizar sobre as ondas. Não se assuste, se, ao perguntar sobre a existência de ondas, a resposta seja uma gargalhada sonora seguida de uma total desinformação. Vá à luta sozinho.

Alugue um carro e parta sem hesitação para a costa leste da ilha, passe por Port Antonio, tome banho na Blue Lagoon (cenário do filme Lagoa Azul), duvide da cor da água e faça a primeira parada em Boston Beach: uma baía fechada, que em dias bons suporta mais de três metros, segundo o nativo Martin Atkinson, 30 anos, nove de surf. Martin, quando não está dentro da água está na beira do



Martin, raro surfista, aluga a prancha por três dólares

mar oferecendo sua prancha para alugar. Por dois ou três dólares você pode surfar uma hora com uma prancha californiana relativamente nova e leve.

Nós três dias que ficamos nas redondezas de Boston Beach, Port Antonio e Long Bay não vimos mais do que meio metro. A comunidade

local se resume a uma dúzia de simpáticos e receptivos surfistas que, evidentemente tentarão tirar proveito financeiro da chegada de turistas. O clima dentro e fora d'água é *cool*. O reggae não pára e a *ganja* é fumada a todo o instante. Os "surfers" jamaicanos vivem um estilo que eles mesmos chamam de "roots". Não se preocupam com muita coisa, moram numa "quebrada" perto da praia, fazem qualquer negócio por um prato de comida e não perdem os bons *swells* que entram sobretudo depois de dezembro.



Bob Marley tem museu



Os táxis da Jamaica e os ônibus do Panamá

Nosso repórter (sem mangas) dá conferida no rumo



Murilo Naspolini, Zero

Cleide de Oliveira

Existem duas maneiras distintas de se chegar na Jamaica. De avião e de navio. Se você preferir voar, duas rotas são as mais usuais, embora você possa, com tempo e dinheiro, seguir por outros países. A primeira é via Miami e, mesmo sem visto dos EUA, é a mais rápida e barata. Com dinheiro no bolso para apresentar à alfândega norte-americana e comprar o bilhete ida e volta até Montego Bay (US\$ 160,00), você pode ir e voltar a São Paulo por menos de US\$ 700,00, aproveitando as promoções especiais ou vôos charters até Miami. Nesse caso, o pagamento é à vista. Já a segunda rota, tem embarque em São Paulo no vôo de Varig com destino ao Panamá (Panamá City), e de lá seguir pela Companhia Panamenha de Aviação (Copa) até Kingston, capital jamaicana. As conexões podem tomar tempo, adiando a chegada na Jamaica em até dois dias após a saída do Brasil. Mas surge a oportunidade de conhecer o canal do Panamá, as belas praias tipicamente caribenhas, a zona franca de Cólón ou a influência norte-americana depois da invasão de 88. A passagem pode ser comprada no Brasil, e financiada em até 10 vezes.

Se você tiver uns trocados a mais e gozar de férias prolongadas, é possível alcançar a ilha da Jamaica através de navios e de veleiros que fazem fretes e excursões pelo mar do Caribe, provenientes da costa latino-americana. Nesse caso é necessário estar preferencialmente na Colômbia ou na Venezuela. Os preços variam conforme o tipo de embarcação e serviço oferecido. Cuidado! A rota é perigosa. As histórias de turistas que viajaram em barcos de traficantes são frequentes. Abra o olho para não entrar em barco furado.

Brasileiros não precisam de visto para ir à Jamaica, Venezuela ou Colômbia. Para o Panamá só é necessário quando a permanência no país ultrapassar oito horas. Bon Voyage.

MN

Nossa imprensa não tem conteúdo

Intellectual pretensioso é o que ele mais odeia. Prefere o cheiro de graxa das oficinas de jornal, embora tenha um invejável currículo acadêmico. É doutor em Linguística com uma tese sobre as novas teorias da Física, estudou Medicina, Letras, Comunicação e provavelmente aquele assunto que você escolheu para surpreendê-lo.

Filho único de uma família pobre da Zona Norte do Rio (aquela que não aparece na TV), entrou

no Jornalismo porque foi o único emprego que conseguiu para trabalhar à noite. Aos 21 anos era secretário do **Jornal do Brasil**, o segundo cargo na hierarquia da redação.

Pegou o golpe de 64 no **Última Hora**, o jornal que apoiava Jango. Por muito tempo foi redator-chefe da revista **Manchete**, editor de **O Globo** e de **O Jornal** e diretor de Jornalismo da **TV Educativa**. Há mais de vinte anos é professor de Jorna-

lismo: passou por cinco faculdades antes de vir para a UFSC como Professor titular, e foi o redator do atual currículo mínimo para o Conselho Federal de Educação.

Na microempresa que mantinha no Rio, uma das últimas missões de Nilson Lage foi tentar ressuscitar o velho e heróico **O Pasquim**. Daí veio a idéia desta entrevista, que conta um pouco da história do jornalismo brasileiro nos últimos quarenta anos.

Entrevista concedida a Eduardo Meditsch, Luis Scotti e Ricardo Barreto

Luis Scotti: Nilson, começa falando para nós como é que tu começou no jornalismo.

Nilson Lage: Bom, eu estudava medicina e quando fiz vestibular passei para duas faculdades, medicina cirúrgica e ciências médicas. A ciências médicas era uma escola, na época, tinha muita gente rica e eu logo descobri porque: tinha aula o dia inteiro das 7 da manhã até às 6 da tarde. Nessa situação a única possibilidade que eu tinha era arrumar um emprego à noite. Eu procurei trabalhar em jornal, queria um emprego de revisor para financiar um pouco do estudo. Através de um conhecido fiz contato com "Tinhorão". Ele me levou para o **Diário Carioca**, que era um jornal na época que tava renovando a imprensa introduzindo o **lead**, todo um modelo, com uma diagramação padronizada. Mas era no texto, que eles faziam uma grande inovação na época, trabalhavam com **lead**, com estrutura do **lead** e tal, e eu aprendi aquilo. Com a reforma do **Jornal do Brasil** foi saindo um contingente de pessoas. O **Diário Carioca**, pagava mal e atrasava o pagamento, pertencia a Horácio de Carvalho Jr., que foi marido da dona Lili de Carvalho (casou com Roberto Marinho recentemente).

Scotti: E o Ari de Carvalho, tinha o que?

Nilson: O Ari de Carvalho pegou o jornal **Última Hora** em Porto Alegre e depois quando ele foi desativado com o golpe de 64, ele inventou, começou o negócio do **Zero Hora** e tal. Era um outro personagem. Ficou nesse negócio de jornal também, um aventureiro de outro tipo. O Horácio de Carvalho não, era um empresário e tal, mas não pagava, o jornal não pagava, era o maior rolo. O **Jornal do Brasil** era uma empresa sólida, era um jornal só de classificados, vinha de uma tradição grande, tinha muito dinheiro, lá fui eu para o **JB**. Entrei no **JB** e a carreira foi muito rápida.

Eduardo Meditsch: Com 22 anos já era secretário do jornal?

Nilson: Secretário de texto do jornal, depois secretário do jornal, uma situação que rendia muito dinheiro, relativamente.

Scotti: Isso foi durante a famosa reforma do **JB, aquela grande reforma do **lead**...?**

Nilson: Foi essa, o **lead** eles trouxeram praticamente do **Diário Carioca**.

Ricardo Barreto: Eu queria que você falasse por exemplo, essa contribuição **Diário Carioca, via manual de redação, e qual é a tua opinião sobre manual de redação?**

Nilson: O Manual de Redação do **Diário Carioca** não era um Manual, não era uma coisa tão importante quanto se diz. Foi um conjunto de normas que eles fizeram para diminuir o trabalho de cópia, pra evitar os erros de cópia. Quando o **Diário Carioca** ainda era um jornal de formato antigo, com aquele conteúdo do manual de redação que na verdade, Pompeu de Souza e o Danton, estavam adaptando ao português, aquele modelo americano que tinha sido veiculado no Brasil, intensamente com a II: Guerra Mundial. O Pompeu esteve na Inglaterra trabalhando com o BBC, e o Danton também teve essa informação, porque o Danton era professor de jornalismo da Universidade do Brasil, hoje UFRJ. O Pompeu assistente dele.



Greve em 62: "rasgamos as matérias. Deu certo"

Os dois tendo que dar aula, começaram a ler os manuais americanos, principalmente de John Hohemberg que o título em inglês é **Manual do Jornalista Profissional e Fraser Bond**.

Scotti: Mas, você está há 35 anos na história do jornalismo. Naquela época quando você começou, o que gostou no jornalismo? O que te fez continuar, além da remuneração, que no caso era uma grana preta.

Nilson: Primeiro eu lidava com texto, que é uma coisa que eu gosto, né. Eu fiquei pouco tempo como repórter, passei a ser basicamente redator. Eu gostava de texto, era uma coisa que eu gostava de fazer. Em segundo lugar era um espaço de muitos contatos, gente muito interessante, pessoas que tinham coisas a dizer e tal e um lugar onde eu me sentia de certa maneira reconhecido. Tinha um espaço para mim, entende? Para todos nós, porque realmente, era uma coisa milagrosa.

Ricardo: E quanto tempo foi no **JB?**

Nilson: No **JB** eu fiquei até 62. Em 62 eu saí porque fiz a greve de 62, que foi a única greve de jornalistas eficaz no RJ.

Eduardo: Eficaz como? Historicamente?

Nilson: Os jornais pararam.

Eduardo: Os jornais pararam, mas acabou o pessoal demitido?

Nilson: Os jornais demitiram dois ou três. O **JB**

demitiu todo um grupo que eles já tinham marcado para demitir mesmo, em função do acordo que o jornal fez com o **IPES** na conspiração para a derrubada do Jango.

Scotti: Da uma explicada nisso Nilson. O que é o **IPES e o que foi a conspiração contra o Jango?**

Nilson: O **IPES**, ou (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) tinha o Golbery como secretário-geral. Esse instituto, foi o principal articulador do golpe de 64. A articulação começou com uma organização dos segmentos conservadores, gerências de empresas estrangeiras e tal, e com vistas a eleição parlamentar de 62, para eleger uma bancada conservadora na eleição de 62, logo em seguida, continuou na tramitação de uma série de projetos de lei, principalmente no projeto de telecomunicações. O presidente da comissão que estudou isso, do **IPES**, era um camarada chamado Luiz Medeiros, um general, que era diretor de **O Globo**. Vem daí, o acesso que o Roberto Marinho teve aos planos de telecomunicações que permitiram a ele implantar a **TV Globo**, sabendo que logo ia ser montado uma rede nacional.

Ricardo: No momento propício.

Nilson: No momento propício e furando o esquema da **Tupi**, que tinha uma geradora em cada praça. Então, esse movimento procurou uma infiltração nos jornais, primeiro eles tentaram um acerto com o **JB**. Estava sendo dirigido, na época, pelo jovem genro Nascimento Brito. Até o primeiro momento resistiu, argumentando que o jornal sempre tinha vivido de classificados e que continuaria vivendo de classificados. Eles fizeram um estudo sobre o mercado de classificados, e descobriram que o classificado importante e lucrativo era o classificado de imóveis. Então, eles pegaram um jornal que estava em processo de falência, o **O Jornal**. Começaram com os arquivos dos principais núcleos imobiliários e com esses casos eles montaram um segmento imobiliário do **OJ** e começaram a deslocar maciçamente anúncios do **JB**.

No fim o **JB** foi forçado a fazer o acordo com eles, por esse acordo mudou a direção de redação e entraram um profissional para edição e entrou um outro profissional para fazer o controle do **copy**. Ele lia as matérias antes e depois do copidesque. O **copy** era considerado o núcleo da conspiração esquerdista. A gente não sabia disso, mas era considerado. E nesse contexto, houve vários atritos. Por força dos atritos tava realmente para ser mandado embora. Meu caso era meio complicado porque eu era mais ou menos cliente da casa, não era engajado em partido político nenhum. Mas eles se aproveitaram desse episódio da greve. Porque quando houve a decisão da greve, nós estávamos no **copy**, éramos 20 e poucos redatores e eu lá na secretaria. Quando a cara do Sindicato telefonou dizendo que tinham decidido pela greve, eu perguntei ao pessoal o que que eles achavam, e eles achavam que deveriam parar. Então, eu disse: vamos parar. E se vamos parar, vamos parar direito. Por favor, rasguem as matérias. Rasgamos as matérias e fomos embora. Acabou. Essa greve em 62, foi motivada pelo fato de que, naquela época,

ZERO DEPOIMENTO: NILSON LAGE

havia razão trabalhista, não era uma coisa política. Por exemplo, eu ganhava, vamos supor 95 mil cruzeiros na época, mas na minha carteira de trabalho tava 2 mil que era o salário mínimo. O resto vinha por fora. Então nessa história de por fora, iam férias, 13%, ia contribuição do instituto, ia tudo pro raio que os parta. A reclamação era essa: todo mundo ali tinha salário mínimo.

Scotto: Você saiu do JB e foi para onde?

Nilson: Olha, quando eu saí, eu não ia pra lugar nenhum, porque eles fizeram um acordo com os outros jornais para não empregar ninguém que tivesse sido demitido.

Scotto: Mas só uma coisinha antes: o resultado dessa ocupação toda da direção do JB foi o que?

Nilson: O jornal passou a defender os pontos de vista dos grupos aliados do golpe, os editoriais eram feitos fora da redação.

Ricardo: E quantos jornais foram nessa onda?

Nilson: Todos, à execução da Última Hora e dos jornais pequenos.

Ricardo: Esse movimento foi desencadeado a partir do JB?

Nilson: Não, foi desencadeado pelo Correio da

para a preparação do golpe. Porque antes não havia uma politização nas redações.

Nilson: Havia politização, sim. Era aquele esquema clássico: o Partidão tinha a sua influência, sobretudo no Globo.

Scotto: A partir da preparação do golpe é que se politizam, pela direita as redações, então?

Nilson: Não. A direita não era a redação, vinha de cima, né?

Scotto: Se politiza, eu digo, pela direita, pelas manifestações de apoio ao golpe ou coisa assim.

Nilson: As redações sempre foram progressistas.

Scotto: Eu digo quando é afastado este pessoal. Por exemplo, por que é afastado? Por que há essas demissões todas?

Nilson: Por causa do produto. Eles tinham preocupação com o jornal.

Ricardo: Com a técnica.

Nilson: Com a técnica. Eu vou te dar um exemplo: com este rapaz fiscalizando a matéria antes e depois do copy, bateu um relatório do Ministério da Justiça sobre as operações da Light no Brasil. Este relatório dizia o seguinte: que a Light tinha uma cúpula, a Brascau, que pegava o dinheiro

toda, dia 31. Aliás, não houve nada no dia 31. O negócio foi dia 1º de abril. Eles só não chamaram de 1º de abril para não serem chamados de mentirosos; a conotação negativa, foi um pré-marketing. No dia 31 eu tinha trabalhado até tarde e à tarde, eu estava dormindo em casa quando os caras tomaram a Rádio Nacional. Fui até o jornal, eram três horas da tarde e eles estavam retirando os arquivos do jornal. O jornal foi invadido por civis. Mas tinha uma Guarda de Fuzileiros Navais que a gente tinha pedido na véspera, por causa da agitação da véspera. Eu ajudei a tirar os arquivos do jornal. Quando eu ia embora, os caras vinham dentro de carros pra quebrar o jornal. Na televisão, aquele camarada, acho que era o Flávio Cavalcanti, dizia assim: 'Vamos incendiar aquele jornal comunista'. E foram lá e quebraram o jornal todo. Eles só não quebraram a oficina. O Samuel fugiu e no dia 1º eu fui pro jornal à noite. A redação estava destruída, mas a oficina estava íntegra. A impressão era no outro prédio, no centro da cidade. Nós subimos pra contabilidade, que era no andar de cima. Duas máquinas, de escrever ou três estavam lá, e fizemos o jornal com quatro páginas. A esta altura veio o vice-presidente da empresa e disse: 'Olha, eu não tenho condições de garantir a integridade de ninguém'. O jornal foi feito, rodou e continuou circulando no Rio. Falando de liberdade de imprensa, com o presidente da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Ele foi empastelado e não circulou mais no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Em São Paulo, ele tinha sofrido uma campanha local pelos mesmos grupos: na época da Copa do Mundo, saiu uma caricatura em que aparecia todo mundo rezando para Nossa Senhora da Aparecida, que tinha

Última Hora ganhou dinheiro do Getúlio, mas todos ganharam. O Globo teve o dobro

a cara parecida com a do Pelé. Um jornal sacrilégio, comunista, inimigo da fé. (Risos). Em São Paulo tinha aquela coisa: o jornal era de carioca, o jornal vendia pra burro e os paulistas tinham raiva. No Nordeste, foi quebrado tudo. Era uma rede. Vendia no Nordeste, Rio, São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Ricardo: Naquela época eram a Última Hora e os Diários Associados basicamente as grandes redes.

Nilson: Sendo que a Diários Associados era uma rede no sentido que pertenciam ao mesmo dono.

Scotto: Compara-se muito o Lacerda ao Samuel Wianer. Um é mocinho, o outro é bandido, um sabe tudo, outro não sabe nada. Qual é a diferença jornalística entre o Lacerda e o Samuel Wianer, já que este último montou a Última Hora?

Nilson: Acho que há uma diferença extra-jornalística. O Carlos Lacerda morreu rico, o Samuel morreu pobre. Esta é a primeira diferença. O Carlos Lacerda, que era o honesto, morreu rico, e o Samuel, que era o corrupto, morreu pobre. (Risos) Aí você há de convir que alguma coisa está mal contada. Tá a Nova Fronteira (editora de livros) pra mostrar que o Lacerda morreu rico. O Samuel tinha intimidade com o poder e, na verdade, montou a Última Hora solicitado pelo Getúlio. A Imprensa toda era hostil ao Getúlio e toda ela ligada a este grande capital financeiro, contra o qual Getúlio se opunha. E por isso, Getúlio arrumou a fundação da Última Hora e chamou um jornalista competente que vinha cobrindo a eleição - ele tinha que confiar e disse: 'Faz! Pega um financiamento e faz!' Teve o cuidado de emprestar quantias maiores a todos os jornais daquela época. Por exemplo, no ano em que a Última Hora recebeu financiamento para comprar a máquina, o Globo recebeu o dobro. Quer dizer o grupo



Golpe de 64: "não houve nada em 31 de março. Tudo aconteceu no 1º de abril. Foi pré-marketing!"

Manhã. Pelos jornais grandes da época. O Globo, naturalmente, primeira linha, né.

Ricardo: O sistema funcionou organicamente?

Nilson: Eles foram encadeando, o JB foi um dos últimos. Eles precisavam do JB porque com a reforma, o JB passou a representar a nova burguesia ascendente, a nova classe média ascendente, quer dizer, aqueles estamentos gerenciais, multinacionais, empresas estatais, entendeu, que mudaram a face da classe média. Porque, classe média até então, era predominantemente pequeno e médio comerciante e passou a ser um assalariado, agora assalariado com uma certa sofisticação, e tal. O JB entrou sociabilizando essa gente, e a imprensa paulista dessa época, era a coisa mais provinciana do mundo. Então havia uma necessidade do JB mesmo, e aí veio a pressão em cima do jornal.

Scotto: Em 64 era tudo acertadinho, então?

Nilson: Tudo acertadinho, aquilo ali foi uma coisa que era impressionante porque os editoriais vinham prontos. O controle sobre a redação era forte, então todos os jornais saíam na linha como até hoje na defesa da qualidade industrial, da economia de mercado, da privatização das estatais. São coisas contra o que você não pode escrever em jornal nenhum. Isso era a mesma coisa na época, você não podia escrever contra.

Scotto: Houve então uma politização nos jornais

emprestado com juros baixíssimos e reemprestava às suas filiadas com juros mais altos que os do mercado. Como a fiscalização de receita era só feita nas filiadas, elas sempre apresentavam prejuízos e a Brascau, sempre grandes lucros, com remessas monumentais. Esta era a parte principal do relatório. Eu dei esta matéria, sem nenhuma orientação. Passei pro Hélio Pólvora e ele fez a matéria. Quando a matéria voltou, o tal rapaz me chamou e disse assim: — Olha, eu quero que coloque na abertura que a Light contribuiu para o desenvolvimento da Região Sul... e tira isso fora? Foi uma das razões de atrito. A gente, com aquela visão de objetividade, não queria fazer jogada nenhuma. A gente queria dar as notícias, entendeu? Então, vinham instruções fantásticas. Eu sei, por exemplo, que a conspiração dos sargentos foi armada, porque quando começou o movimento dos sargentos, eu recebi uma ordem de que todo dia deveria entrar na primeira página com foto uma matéria sobre sargentos. Ora, era uma coisa descabida, né?

Eduardo: Isso em qual jornal?

Nilson: No Jornal do Brasil.

Scotto: E o dia 31 de março de 64 te pegou na Última Hora?

Nilson: Na Última Hora, eles invadiram a redação. Na verdade, eu tinha trabalhado a madrugada

Festas e debates agitam Enecom

Foram dois mil estudantes e teve até polícia

Belo Horizonte reuniu, de 19 a 25 de julho, o maior encontro nacional de estudantes de comunicação, no ginásio Mineirinho e no estádio Mineirão. Dois mil jovens de todas as regiões do país se reuniram para o XVI Enecom. O tema deste ano foi *A Procura de Novos Meios*. Houve debates, mostras, grupos de discussão, exposições e oficinas. Os assuntos mais discutidos foram a democratização dos meios de comunicação, a obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional e a comunicação alternativa.

Vinte e três profissionais foram convidados para participar dos debates. Um ausente foi o professor Francisco de Assis (PUC-MG) que morreu um mês antes, vítima de AIDS. Ele iria falar sobre a imprensa alternativa. Entre os mais esperados estava o jornalista da Folha de São Paulo, Caio Túlio Costa, que falou na abertura do encontro sobre os grandes conglomerados de comunicação no país. Outro, foi o apresentador Serginho Grisman, do



Ziraldo polemizou e desagradou

SBT, que falou de seu trabalho e comentou o que os outros palestrantes disseram.

No terceiro dia de debate, o cartunista Ziraldo iniciou sua palestra dizendo que iria chocar o público. Conseguiu. Depois de tomar um gole de cachaça, ele criticou o cartaz do encontro, que reproduzia duas latas, simbolizando o telefone sem fio sobre o mapa do Brasil. "O cartaz é muito ruim. É ponta do iceberg da falta de seriedade do país". A organização não gostou e começou uma discussão que ocupou grande parte do debate. O tema *Comportamento e organização cultural na*

sociedade de massa foi esquecido. Neste mesmo dia também foi convidado o professor Muniz Sodré (UFF), mas ele não compareceu.

Conflito com polícia — No segundo dia de encontro, dia 20, a polícia prendeu três estudantes da delegação de Pernambuco. Eles estavam fazendo festa no alojamento, no ginásio do Mineirinho, tarde da noite. A polícia foi chamada por um funcionário e encostou todo mundo na parede para revista. Três foram levados para a delegacia e só foram libertados às nove horas da manhã.

No dia seguinte a polícia

apareceu novamente. Desta vez a festa era no estacionamento do ginásio, onde quase todas as noites houve apresentação de shows. No final, por volta das quatro horas da manhã, dois estudantes começaram a brigar. Segundo testemunhas, eles não faziam parte do encontro. Logo depois os policiais chegaram com 15 viaturas e cavalaria. Eles reclamaram de drogas e da "fornicação sexual". Ninguém foi preso, mas ficou um aviso: se houvesse "algazarra" novamente, a polícia revisitaria todos os alojamentos.

Os estudantes fizeram uma passeata na quinta-feira por

causa da ação da polícia. Uma manifestação estava marcada para sexta, em apoio à Lei Zaire Rezende que está em discussão na Câmara dos Deputados. Essa lei, encaminhada pelo Fórum Nacional de Democratização da Comunicação, prevê, entre outras coisas, a regionalização dos canais de TV e rádio. Como houve esse incidente com a polícia, a passeata foi antecipada.

Os manifestantes se encontraram na Praça da Rodoviária, no centro, e caminharam até a Praça Sete, local de manifestações políticas. A polícia militar controlou o trânsito. A mesma polícia que dois dias antes bateu nos alunos, agora foi aplaudida. Os cartazes criticavam os monopólios, pediam democratização e os alunos no final da tarde, começaram a gritar "segurança sim, violência não". A passeata durou três horas.

O XVI Enecom terminou com um prejuízo de 30 milhões de cruzeiros para a organização. O próximo será feito em Pernambuco. Santa Catarina era forte candidata a sediar o encontro. Mas na votação, feita às cinco horas da manhã, quase toda a delegação de Florianópolis estava dormindo e a de Recife estava acordada. Faltaram votos.

Claudine Nunes

Publique fotos

O Jornal do DIAP (Departamento Intersindical e Assessoria Parlamentar) está oferecendo sua última página para a publicação de fotografias produzidas por fotógrafos profissionais ou amadores. Os participantes terão, futuramente, a oportunidade de fazer parte de um livro e de uma exposição no Congresso Nacional.

Os temas para as fotos são o cotidiano do trabalhador brasileiro: por exemplo, a casa do trabalhador, a mulher trabalhadora, o trabalhador no campo, entre outros. Além da publicação, o fotógrafo escolhido ganhará meio salário mínimo, e caso da foto não for escolhida ela será devolvida.

Para participar, o estudante, sindicalista, jornalista ou trabalhador deve enviar sua foto (em tamanho 10x15) para a sede do jornal, no edifício Seguradoras, 17º andar, sala 1701, que fica no Setor Bancário Sul, em Brasília, - o CEP é 70070.

Partir à procura de um meio, em busca de novas realidades e alternativas em Comunicação. Tudo isto trouxe mais de 110 estudantes de comunicação do Sul do país ao Curso de Jornalismo, em Florianópolis, entre 20 e 24 de maio para participar do VI Erecom Sul - Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação. Foi o maior e mais bem-sucedido evento do gênero no país, segundo representantes da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação.

A abertura da programação teve a presença do professor Nilson Lage (UFSC), que bateu o panorama atual dos meios de comunicação no país. No segundo dia, a professora Marta Campos (PUC-RS) tratou do tema "*Mercosul, Universidade e Comunicação*". O terceiro e último debate abordou as alternativas em comunicação com o professor Elson Faxina da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR) e o jornalista Gastão Cassel, do Núcleo Organizado de Imprensa Sindical de Florianópolis



Mais de cem estudantes do Paraná e Santa Catarina

lis (NOIS).

Além dos debates, os estudantes participaram de dois grupos de discussão sobre cursos de comunicação e sobre o movimento estudantil em comunicação. A comissão organizadora promoveu ainda oito oficinas em diversas áreas

além de uma mostra de vídeos e outros trabalhos dos alunos da UFSC. A agenda incluiu também animadas festas que agitavam os alojamentos todas as noites.

Apesar do grande número de pessoas participando, foram poucas as escolas presen-

tes nesta sexta edição do Erecom-Sul. Dos 16 cursos de comunicação existentes no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, apenas cinco enviaram representantes. Um fato curioso foi a ausência dos estudantes gaúchos, que não enviaram nenhum aluno, alegando dificuldades de locomoção (sic). Mesmo assim as expectativas de participação traçadas pela comissão organizadora foram superadas e o encontro conseguiu atingir seus objetivos: mobilizar e integrar os estudantes da região e preparar ao mesmo tempo para as discussões do Encontro Nacional, que ocorre entre 19 e 25 de julho em Belo Horizonte.

O sucesso e a repercussão positiva do VI Erecom-Sul foi confirmado por diversos representantes do movimento estudantil nacional de Comunicação, que apontam o Curso de Jornalismo da UFSC como um forte candidato para sediar um próximo Encontro Nacional.

Nelson Correia

já vinha atuando desde 50. Mas era um jornal que vivia em função dos artigos do Carlos Lacerda. Eu não sei apreciar a estilística do Carlos Lacerda, realmente eu não sei. Ele tem algumas traduções de Kafka que gostei.

Scott: E o Samuel, como é que era, jornalisticamente?

Nilson: Bom, eu conheci o Samuel como patrão. Como patrão era um horror. Há um lance que eu acho que define tudo: ele tinha uma edição matutina e outra vespertina e eu secretariava a edição matutina. Um dia ele me disse: "Olha, eu quero que você secretarie a vespertina". Daí eu disse: Bom, então eu chego de manhã. E ele: "Olha, você fecha a matutina às duas horas, vai pra casa, dorme depressa e volta às cinco". E você vê por aí como era a cabeça do cara: "dorme depressa e voltalogo; eu te pago mais não sei quanto", que era sempre menos do que ele pagaria pro secretário. Agora, sem dúvida, ele era um excelente editor. Tanto que a partir do momento em que ele enfrentou a campanha do Vargas, ele inventou um jornal compacto que, na verdade, foi o que viabilizou a rede. Fazia um jornal com muito menos páginas que os outros, mas utilizando recursos de diagramação com um número enorme de textos. Tinha muita visão dos públicos que ele pretendia. Então, ele era um jornal popular, mas que tinha uma série de colaboradores: Sérgio Porto, Antônio Maria, Marques Rebelo. A classe média lia por causa daquilo. Ele era um homem que tinha essa lucidez.

Scott: Nessa época o Antônio Maria trabalhava no jornal?

Nilson: Trabalhava, antes de ele ter aquele caso com a Danuza (Leão), daí ele realmente teve que sair e deixar de trabalhar porque a Danuza era mulher do Samuel.

Scott: Quem é o pessoal que está aí hoje e que veio da Última Hora?

trato de risco que fazíamos com as lojas. Nós tínhamos um leitor muito fiel e muito politizado, que viu no jornal um núcleo de resistência. Para nós darmos o tom de resistência ao jornal, nós imaginamos - e esta foi uma das minhas criações, da qual eu me orgulho muito - inventar o padre. Para todo assunto, tinha que ter um padre entrevistado. Aqueles padres progressistas eram entrevistados a propósito de tudo.

Scott: Quanto tirava nessa época?

Nilson: Olha, a Última Hora chegou a tirar 120, 130 mil exemplares. Nessa época tirava 90, 95 mil. Aí nós começamos a cortar a tiragem por causa do papel, mas tirava bem.

Ricardo: E nas outras capitais, você tem idéia de qual era a média de tiragem?

Nilson: O jornal chegou a tirar no total 550, 700 mil exemplares, por aí.

Scott: Você ficou na Última Hora até quando?

Nilson: Até mais ou menos 1967, quando achei que o jornal ia falir. E consegui sair do jornal e ser o último a receber cheque sem fundo, dinheiro miúdo. Falta receber a indenização. Por que falei a Última Hora? O Samuel ficou em Paris e recebia todo mês uma quantia muito grande. Ele resolveu financiar um filme em Paris e o negócio, evidentemente, não deu certo. Ele perdeu o dinheiro e resolveu voltar para assumir o jornal. Assumi o jornal à força, pegou aquela redação toda, colocou o Jânio de Freitas como diretor do jornal. O Jânio de Freitas nunca fez nada com pouco dinheiro, o jornal começou a gastar mais do que tinha e aí entrou no parafuso. O governo apertando muito com essas coisas de INPS. A gente tinha o cuidado de pagar isso tudo e ele voltou com o sistema antigo de não pagar nada. Acabaram vendendo a Última Hora para um grupo de empreiteiros que também nessa época recebeu o Correio da Manhã. Esse grupo liquidou a Última Hora, que até pouco tempo circulava, mas era

Imprensa brasileira se atrela aos...

Nilson: Tem o Paulo Francis. O Paulo Francis, eu achava muito engraçado. Foi um rapaz que fez um curso no Actor's Studios e voltou pro Brasil e foi pro Diário Carioca fazer uma coluna de teatro. Só que ele aplicava as técnicas de Stanislavsky de crítica de teatro ao teatro rebolado da Praça Tiradentes. Inevitavelmente ele dizia que as mulheres eram horríveis, que interpretavam mal, que tinham verrugas. E as mulheres tinham os seus patrocinadores, que eram banqueiros de bicho, pessoas que tinham poder. Toda semana o tal do Paulo Francis levava porrada e ficava todo machucado, perdido na rua. (Risos) E o Paulo Francis, com muita pose, saía lendo Shakespeare pelo meio da rua. Era uma coisa muito engraçada. Quando ele foi pra Última Hora, o Samuel precisava de um polemista violento pra discutir com o Lacerda. Ele precisava de um ghost-writer, um cara pra assinar uma coluna contra o Lacerda. E chamou o Paulo Francis. O Francis fez, satisfeito, saía na página três. Quando houve o golpe de 64, sumiu o Paulo Francis. Todo mundo estava trabalhando, dois meses depois, jornal normal, entra o Paulo Francis e pergunta: "Estou escondido. Estão me procurando?" Ninguém tinha procurado ele. (Risos) Ele foi pra fazenda, escondido.

Scott: Ai, o Samuel fugiu e vocês ficaram tocando o jornal com quantas pessoas?

Nilson: Com a redação toda. A redação ficou. Fizemos um esquema de pagamento de pessoal em que no primeiro dia recebiam os contínuos, no segundo dia, todo mundo, e no último dia, recebia a direção. O diretor superintendente era Sani Sitovsky, irmão do Maurício. Mas foi realmente a redação que administrou o jornal.

Scott: Quanto tempo?

Nilson: Quase um ano. Inclusive fomos nós quem estabelecemos a publicidade através de um con-

partencente a um picareta.

Scott: Você saiu de lá em 67 e foi para onde?

Nilson: Pra revista Manchete como redator, mas já previsto que eu ia assumir a chefia de redação. Fiquei lá um tempo, inaugurei o prédio da Praia do Flamengo, aquele aquário que dá pro mar. O diretor da revista era o Justino Martins, o Zevi Ghivelder era redator-chefe, depois ele assumiu a direção da redação e eu fiquei como redator-chefe.

Scott: Tu ficou na Manchete até que ano?

Nilson: Acho que até 72, eu não me lembro bem. Depois fui pra Globo.

Eduardo: Você chegou a ser editor-chefe do Globo também?

Nilson: Não, eu fui editor político do Globo. Eu entrei para reformar o copidesque, porque o Globo estava fazendo a mesma coisa que os jornais de São Paulo, queria reformar né? Ainda era um jornal do estilo antigo. A reforma ampla do Jornal do Brasil foi uma coisa recebida comasco. Vocês se lembram daquele artigo do Nelson Rodrigues sobre o copidesque, Choques da Objetividade? Foram escritos no Globo, que lutou contra o novo texto até a morte. Mas no fim teve que ceder e me contratar, o próprio Roberto me contratou. E eu como tava meio chateado com a Manchete, que é uma casa muito difícil, fui pra lá.

Scott: O que é mudar? O que é mudar um texto, Nilson Lage? O cara diz assim: tá vamos mudar o texto do Globo né? O que é isso?

Nilson: Há duas maneiras de se fazer isso. Ou você reformula a reportagem, convence o repórter a escrever de outra maneira. O que é muito difícil, quem tem que fazer isso é a Universidade, tá? Ou então você monta uma seção que vai reescrever tudo. E a partir daí vai liberando, à medida que as pessoas vão se adaptando àquele tipo de texto.



"Muitos jornais fecharam depois de 64: Diário Carioca, O Jornal, Diário da Noite, A Notícia..."

Foi o que foi feito no Jornal do Brasil e foi construído no Globo. Entendeu? Um setor de copy-desk central que reescrevia tudo.

Ricardo: a redação dessa época aí, gravitava em torno de quantas pessoas?

Nilson: Jornais? Ah, o Jornal do Brasil tinha mais de cem, 200. Era muito grande, só de redatores eram 10 ou 12.

Ricardo: E na greve, por exemplo. Aquela que você mencionou, entrou toda a categoria massivamente?

Nilson: Toda categoria.

Ricardo: O que dava isso na época?

Nilson: Olha, umas mil e tantas pessoas trabalhavam nos jornais na época. Tinha muitos jornais naquela época. Muitos jornais fecharam depois de 1964: Diário Carioca, Diário da Notícia, O Jornal, Diário da Noite, A Notícia... Bom, um número enorme de jornais fecharam.

Eduardo: Foi quando você entrou na universidade?

Nilson: Eu entrei na universidade quando surgiu o curso de Comunicação em 68/69. A Fluminense começou com o curso. E eles precisavam.

Scott: Por que você foi para a universidade?

Nilson: Porque eu achei um barato. Ganhava nada, uma porcaria, (risos). Então achei um barato. Disse eu vou dar sim. Vou fazer um desafio. Está na hora de eu fazer um desafio na minha vida. Minha vida tá muito chata. Esse negócio de repressão, censura.

Scott: Quantos anos você tinha na época?

Nilson: Eu tinha 35. Então eu entrei na aula, escrevi tudo, né era aula toda escrita, fichinha e eu lia a ficha. As pernas tremiam... (risos). Uma coisa horrível. Aí comecei a dar aula. Não falava. Você vê que eu falo pra burro. Mas na época eu não falava.

Scott: Não falava por quê?

Nilson: Não tinha o hábito de falar. Eu dizia assim: não, eu sou jornalista porque não sei falar, tal.

Ricardo: Sou da "cozinha"?

Nilson: É... não sei falar. Meu negócio é escrever. E eu comecei a falar. Porque o jornal tava uma barra muito pesada. Muito desagradável. A edição política no Globo foi uma sanacagem que fizeram comigo. Eu tinha que lidar com o cerne do poder, com a parte mais sensível. Então eu recebia as normas de censura, todas, entendeu? Era uma coisa muito desagradável. E eu me desgastei porque como eu sempre trabalhei, assim aberto, eu simplesmente dizia pra todo o mundo: "a censura está me enchendo o saco". E eu nunca fiz política mesmo. As pessoas me conheciam.

do átomo pra baixo com a física nuclear, tá certo? Trata este corpus definido, tem uma linguagem definida, H₂O, aquela linguagem definida. E tem um modo de pensar aquele processo definido. Ela definiu o seu ponto, o seu nicho epistemológico. Comunicação não consegue fazer isso. Porque a comunicação, exatamente por ser um corpus impreciso, é objeto de reflexão da sociologia, da antropologia, de qualquer coisa, de lingüística, semiologia. Então um professor de comunicação, que fosse de comunicação, seria um sábio conhecedor de pelo menos dez ciências a fundo. Coisa que não existe. Realmente você tem, dando aula de comunicação, antropólogos, filósofos, sociólogos, lingüistas e "picaretas", que é o sujeito que presume trabalhar em dez áreas, jogar em dez times. Joga em todas as posições no campo. Esse cara não existe. Como não se espera tal genialidade, é picaretagem. Então eu acho que essa fraude de comunicação, que abandona o objeto e que tem um ranço medieval, porque só antes do Renascimento a universidade foi entendida como produtora de conhecimento, desligado da prática.

Scott: Foi difícil aceitar a universidade então?

Nilson: Eu realmente só me aceitei viver na universidade ao me aposentar (pela UFRJ). Antes disso, não, porque eu nunca me senti na minha casa. Não é a "minha casa". Cumpridos todos os requisitos, hoje tenho uma carreira completa, não tem dúvida nenhuma, mas não é minha casa.

Eduardo: Por que não é tua casa, porque não se sente em casa aqui?

Ricardo: Isso é a mística do jornalismo?

Nilson: As pessoas primeiro manobram mito, mais do que em jornal. São pouco fraternas. O individualismo, o pedantismo e a vaidade é um negócio extremamente desagradável. A ciência que cada um tem daquele poder que não existe, e não sabe que não existe, ele também não sabe. O cara luta, por isso é um negócio de um individua-

...interesses de um grupo cada vez menor

lismo assim. É a grande realização da classe média, né... individualismo de professor, tal. E você sabe perfeitamente que o valor de uma pessoa, de um ofício social, depende muito mais do que esse ofício traga do que as pessoas imaginem se auto-imagem. Então essa cerimônia e essa politicagem em troca de coisa nenhuma, é um negócio que me desagrada muito. Faz eu não me sentir bem. E durante esses anos todos eu tenho trabalhado sempre em escolas que têm essa característica, entendem? Grupos que se fecham, que se organizam para atingir, para derrubar fulano, para subir sicrano. Subir aonde? Vão tomar o palácio? Não, vamos tomar a chefia do departamento (risos). Quer dizer, que não consigo me animar a conspirar para tomar a chefia do departamento. Eu conspiro para tomar o palácio. Mas eu vi essa coisa potencializada. Sujeito que trabalha duas horas, isso eu ouvi várias vezes: "o problema não é a quantidade, é a qualidade". Esse tipo de coisa e a insensibilidade que as pessoas têm, que é típico do serviço público, com relação ao dever social que o ofício implica. A imoralidade, que é o sujeito receber pra trabalhar 40 horas, trabalhar seis ou oito, e não trabalhar seis ou oito. É uma imoralidade assustadora, um escândalo. E os caras fazem disso ponto de honra. Disputam cada meia hora, é uma conspiração de não fazer.

Stotto: Mas Nilson, em 70 quanto tu entrou na universidade, os cursos de comunicação já eram assim ou isso foi se agravando com o decorrer do tempo?

Nilson: Era assim, só que os atuais doutores eram auxiliares.

Scott: A idade faz cada coisa...

Nilson: E tem uma coisa, eu envelheci, eu aceito a minha idade. Toda coisa que eu faço na vida eu reflito, cada passo eu reflito. Agora eu não

acho necessário o sujeito picaretar só porque envelheceu. Eu acho que isso é uma capitulação... Agora, o que eu mais gosto é aluno. Aliás, em universidade eu sempre trabalhei pro aluno. Eu sempre mandei a universidade, instituição acadêmica pro raio que o parta e procurei trabalhar pro aluno.

Ricardo: E você viu mudança de perfil dos estudantes, desde que começou, pra cá?

Nilson: Muitas, nítidas, claríssimas. Caso do Rio de Janeiro, quando eu comecei. Mas em meados dos anos 70, por exemplo, sobretudo nas universidades federais, os estudantes eram altamente politizados, altamente mobilizados, em geral equivocados, mas com grande mobilização. Hoje eles são sob ponto de vista político, absolutamente apáticos. Por outro lado eles eram inuítuos, no sentido de que queriam fazer a revolução, e iam fazer revolução na porta da escola, queriam enfrentar os tanques e tal, né. E hoje eles são pragmáticos. Eles querem, e eu acho isso correto, porque é adequado à realidade, realista, né? Eles querem aprender profissão pra com ela ganhar a vida e exercê-la da maneira mais digna possível. O que é uma postura muito mais realista do que a postura anterior.

Scott: E os professores, mudaram nesse período ou não?

Nilson: Não. Na verdade essa área acadêmica, certamente porque eu acho que ela é inconsistente, ela muda de moda mais ou menos o tempo que dura uma boa camisa: um ano e meio, tal, você troca de moda. Então eu já vi passar um número enorme, atualmente já tá saindo de moda o Lacam, mas já teve Barthes, já teve Grimas, já teve uma porção de gente.

Ricardo: Você faz diferenciações entre a universidade no exterior e no Brasil? Onde tu acha que ela tem um modelo ideal?

Nilson: Aí depende. Olha, não é o modelo ideal, mas se você pensar na universidade americana co-

problema técnico nenhum, tem software que faz isso, entendeu? Mas acontece que eles compram os troços que vêm pronto, eles compram o pacote pronto. Então o mal é a língua que tem acento. Eu tenho que me adaptar à máquina e não a máquina à mim. Quer dizer, é uma coisa muito doida. Então você vê os caras, não sabem usar as potencialidades que têm, não há racionalidade nenhuma.

Ricardo: E a partir de que momento se deu a morte do jornalismo investigativo no Brasil?

Nilson: O jornalismo investigativo no Brasil teve alguns surtos. De certa maneira, numa época muito antiga O Cruzeiro chegou a fazer uma coisa nesse sentido. Mas ele era muito resultado de uma certa euforia econômica em São Paulo. Basicamente isso. Grandes jornais de vez em quando mostravam - vou fazer uma matéria investigativa - Reportagem investigativa é um procedimento normal. Começa que o normal no jornalismo é ser investigativo. Agora o problema é que você tem que investir nisso. Precisa de dinheiro, coisa e tal. Agora a imprensa ritualiza isso, faltam condições financeiras, faltam até condições técnicas. Nós não conseguimos desenvolver no país uma tecnologia básica do jornalismo, que permitisse integração de equipes, essas coisas.

Ricardo: Como é o know-how no jornalismo nacional?

Nilson: O know-how no jornalismo brasileiro existe há muito tempo. Não existe procedimentos técnicos, que permitam que se faça um jornalismo investigativo eficaz e constante. As empresas não estão investindo nisso.

Ricardo: Como você vê o jornalismo americano na atualidade?

Falta de recursos é desculpa para a inoperância. Universidade se faz com pessoas

Nilson: O jornalismo americano tem um problema muito sério. O jornalismo nos Estados Unidos é uma instituição fundamental básica, aquele negócio da primeira emenda, tal, lá nos Estados Unidos é uma coisa muito séria. E nessa era Reagan o jornalismo americano foi sendo forçado a um alinhamento que contraria a sua própria definição. E vem sendo muito assaltado, constantemente. É notícia, show na televisão, jornais com pouquíssimo texto, pouquíssima informação. A marketingização do jornal. Fazer um jornal extremamente de marketing. São mecanismos que tentam abalar essa tradição. E quando acontece um troço como por exemplo, Los Angeles, acontece quebra-quebra, isso é em grande parte a falência do jornalismo americano. Porque aquilo ali era inevitável, qualquer pessoa que vê filmes, seriado policial americano, vê que aquilo pode acontecer a qualquer momento. E não se disse isso ao povo americano.

Ricardo: E a questão da censura na guerra do Golfo ou nas invasões do Panamá, Granada...

Nilson: É a mesma coisa. Ela vem sofrendo perdas até institucionais de prestígio. Quer dizer, é claro que se os jornais americanos tivessem outra atitude, se a imprensa tivesse outra atitude, a censura da guerra do Golfo não duraria. É pra você abrir em todas as primeiras páginas dos jornais, a maior campanha, aquela assim de canalha pra baixo. Não vai fazer isso com a gente... nós não somos uma republiqueta, vamos acabar com esse troço. Mas não tem mais espinha dorsal pra fazer isso. Estão muito cooptadas pra fazer isso. É o grande problema do jornalismo comercial: é corruptível, muito corruptível. Então o que tem de jornalista americano que sai da redação do jornal pra escrever livro contando o que viu, é uma coisa impressionante, são dezenas de livros todos os anos.

Scotto: Por que a universidade não trabalha a ima-

gem dela?

Nilson: Porque é próprio do saber ocidental tradicional, que é o saber letrado, né, reagir muito ao projeto jornalismo. Eles vêem o jornalismo como divulgação científica. Eles vêem o jornalismo como um instrumento, um porta-voz para repetir as palavras dele para a massa. E não é isso. A universidade é muito imbuída da sua superioridade. Da superioridade daquilo que ela produz. O fato de você ter uma instituição que passa um saber que é considerado socialmente útil e interessante num dado momento não implica a superioridade dessa instituição em relação ao resto, nem subordina o resto a essa instituição.

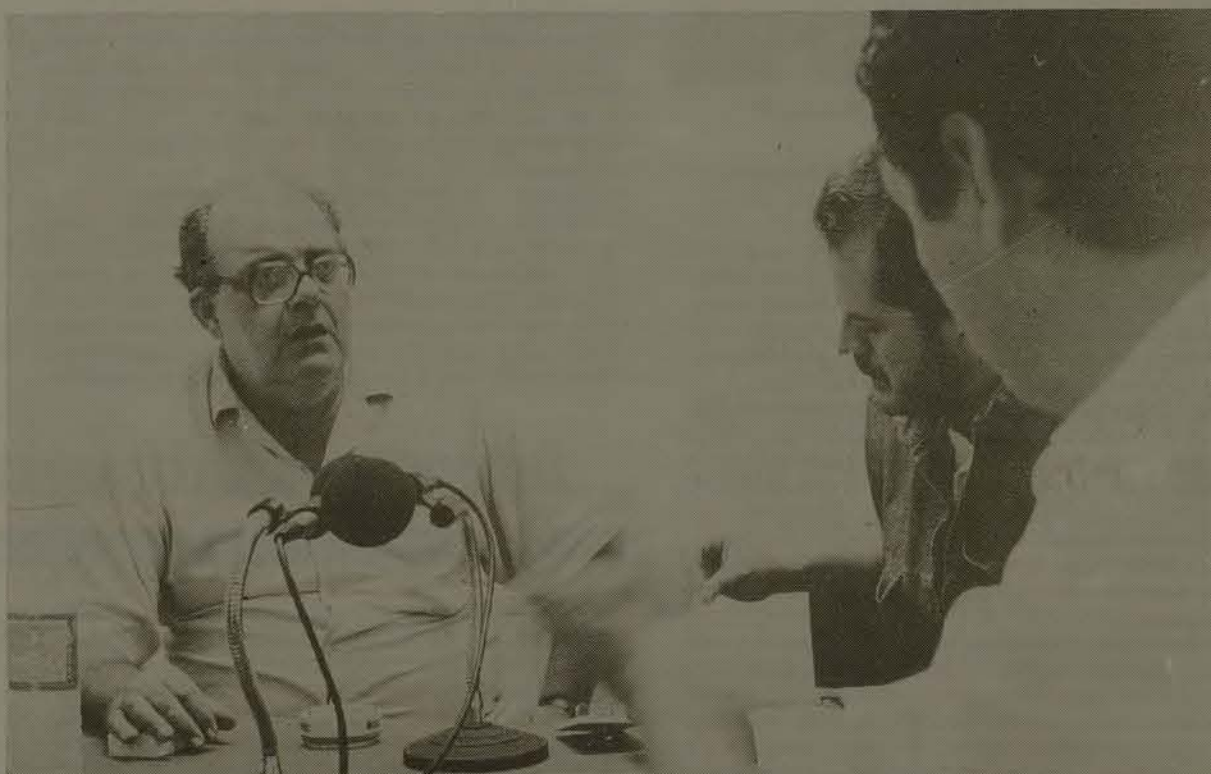
Scotto: Mas por que em certas sociedades a universidade é mais integrada e em outras é menos integrada, por que acontece isso?

Nilson: A universidade se integra quando ela é capaz de refletir e consolidar um pensamento nacional independente, ela passa a ser uma instituição que constrói esse pensamento. No caso brasileiro a universidade tem esse problema da alienação, porque em cada área, são sempre satélites de outras instituições, de outros mundos, então

em que se concentra a renda. A concentração da renda foi fatal. Você observa que um jornal, hoje, praticamente não tem mais aqueles fortes anúncios de varejo que tinha, quer dizer, ele não se dirige mais a grandes públicos, ele se dirige a públicos muito restritos a tribos. Então ela vai ganhando um tom tribal e nesse sentido vamos assim até a mudança de opinião. Isso é um negócio sinistro. Você nota que vem surgindo uma imprensa de massa não jornalística; o jornal *Balcão* do Rio de Janeiro, é uma imprensa de massa não jornalística. (São só anúncios)

Scotto: Agora, nisso é que eu queria entrar. Por exemplo, hoje as escolas formam muito em função dos jornais, da grande imprensa. Se tem como parâmetro nos cursos a grande imprensa ainda. Claro que tem aquele setor das universidades que formam artistas, estão mais atrasados ainda. Mas o mercado hoje, eu acho 60% é outra coisa que não é a grande imprensa.

Nilson: É, mas a grande imprensa é o tal negócio: não é a grande imprensa mas funciona, como referencial. A grande imprensa é tomada como um referencial. Há um outro que se podeira assumir



“O que mais me incomoda na universidade são os conflitos e a luta por poder nenhum”

você tem a área tecnológica presa a esse fascínio da modernidade, que supera o que seria lógico e racional. É o cara que acha que o telefone quanto menorzinho melhor. Ele não considera questões como emprego de mão-de-obra extensiva, demanda econômica das coisas. Ele considera o seu ângulo particular. Por outro lado, a universidade se considera algo acima do comum dos mortais, muito injustificada, sempre, né. A falta de recurso e equipamento é uma desculpa para a inoperância e para falta de dedicação ao trabalho. Porque uma universidade precisa de equipamentos, mas não se faz com equipamentos, se faz com pessoa. A escola tem que ter condições pra produzir alguma coisa em termos de passar informação e pra pesquisar as novas técnicas, que a universidade brasileira nem sonha fazer.

Ricardo: Como você encara a imprensa brasileira?

Nilson: Olha, é uma imprensa tecnicamente, em termos de diagramação e produção, muito bem desenvolvida. Os Jornais brasileiros se formam, em matéria de texto, que é a minha área, são muito mais eficientes do que os jornais latino-americanos em geral. Do ponto de vista gráfico também. Agora, o problema da imprensa brasileira é a sua fragilidade de conteúdo, a sua dificuldade de refletir o momento histórico. É a sua crescente prisão aos interesses de um grupo cada vez menor

que é um referencial de marketing, mas isso é muito perigoso, entendeu? Quer dizer, imagem é o que você pode tomar como referencial. Mas é uma visão também muito perigosa, muito surpreendente. Implicaria uma reflexão muito grande. O problema não estaria aí. Eu acho que, pensando que esses caras vão trabalhar 30 anos, eu acho que a gente devia formar muito o aluno para a possibilidade que se abre, como a tecnologia leve. Quer dizer, o computador e as técnicas leves recolocam o jornalista na situação em que ele estava antes da revolução industrial.

Scotto: Uma figura solitária?

Nilson: Quando ele pegava um tipo, compunha páginas, botava numa prensa e tirava cópia uma por uma. Quer dizer, o custo de produção de um veículo de informação, hoje, é ridiculamente baixo, o investimento global é muito pequeno e o preço do veículo é basicamente o preço do papel. Se você pensa que um veículo, por exemplo, (formato) 4, você monta uma unidade de produção dum veículo desse com qualquer cinco, dez mil dólares. Com dez mil dólares você monta uma superunidade de produção para isso. É um computador, uma impressora a laser... você monta, com dez mil dólares você monta, sofisticada, bota 1100 pontos, 1000 pontos na máquina, faz alguma coisa

bonitinha e tal. Até foto, o diabo a quatro. E a produção você tem um parque industrial que é abundante e barata; roda aquilo na máquina e depois o papel. Então é uma área muito aberta à produção mesmo e essa produção está crescendo.

Ricardo: A discriminação da informação...

Nilson: A discriminação da informação não por veículos grandes mas por outros veículos. Então você pega por exemplo, o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro tem uma redação completa, com dez máquinas, dez unidades de produção dessa, que roda um jornal por dia, para cada banco. E em período de greve é uma loucura. É uma central de produção maluca e a de São Paulo então que optou por grande porte tem rotativo e o diabo. Quer dizer, você pode fazer coisas muito boas e de certa maneira pulverizar esse monopólio de informação alienada. Porque é alienado esse troço. Meu Deus do céu o jornal todo dia diz que o carro importado é melhor que o nacional. Pra quem ele tá dizendo isso?

Scotto: Mas você gosta dessa imagem do carioca esperto ou não?

Nilson: Eu sei rapaz... O negócio do esperto... O esperto é um camarada, esse esperto popular, é um sujeito, é uma figura que desapareceu. O Chico Buarque que diz isso...

Scotto: Malandro hoje trabalha.

Nilson: É, malandro hoje trabalha. Porque essa esperteza não é lucrativa. Eu vejo os espertos morrendo de fome.

Scotto: E o Brizola e o Lula, o que tu achas? É Brizola, é Lula, é o quê?

Nilson: Não é nada, é pra quê?

Scotto: Eu falo da proposta política.

Nilson: O problema do Brasil sob este aspecto,

Na era Reagan, jornalismo foi forçado a um alinhamento que contraria sua definição

quer dizer, admitindo-se que eu levasse isso a sério, eu diria pra você que o Brasil não tem partidos políticos no sentido acadêmico do termo. Você tem uma coligação de esquerda variada, que é o PT com vários grupos que se engolem, um núcleo operário importante em São Paulo, mais alguns núcleos operários disseminados pelo país, mais um comando de classe média sujeito ao radicalismo da classe média. Porque não há nada mais radical do que uma classe média mobilizada, no pensamento de esquerda, e que conflita muito entre si. Você vê o caso do número de prefeitos do PT que largou o PT das brigas que há dentro do PT, você não vai falar em divergência democrática; não é divergência democrática, é pau puro mesmo que corre dentro do partido. O PDT não é um partido estilo clássico, agora, a figura do Brizola arregimentada, une e o partido tem a dinâmica de expulsar as pessoas que o incomodam por estar centrado na figura do Brizola. Qual o grande problema do PDT? É que depende do Brizola. O dia que o Brizola morrer, acabou o PDT, sei lá o que vão fazer com ele. Aí qual é o caso do PT, qual é o problema do PT? É que o dia que o Lula assumir a presidência ele vai ter que lutar ferozmente contra a forte oposição do PT. (Risos) Quer dizer, é um quadro...

Ricardo: então o brasileiro votou certo?

Nilson: É um quadro complicado. E nesse quadro é que você consegue fazer com que o Brasil, há dois governos, tenha sido governado por oligarcas nordestinos, de pequenos estados nordestinos. É o segundo governo em que nós temos no poder dois oligarcas nordestinos, um diferente do outro. O primeiro é um oligarca ilustrado, muito diferente e muito próximo, muito expressivo. Como todo maranhense, quer ser poeta, tem vocação literária e tal, como toda a elite maranhense, mas um homem mais realista que não quis dar o passo, ficou plantado no lugar

Ricardo: Como é que tu vê esse movimento aí de privatização, inclusive da universidade?

Nilson: Eu acho que em termos de empresa, você não pode ser contra, em geral, à privatização. Agora, eu até acho que a privatização é razoável, primeiro se as empresas tiverem sido vendidas pelo valor real delas em dinheiro e não em papel e conta de (chegar). Por exemplo, vou vender 50% porque o pessoal não vai comprar toda; vou pegar o fundo dos empregados da Petrobrás, que é para beneficiar os empregados e vou fazer o fundo dos empregados da Petrobrás comprar não seu quantas ações da Vale do Rio Doce, comprar não sei quantas ações da Usiminas. Por que se não dá pra eles controlarem, quer dizer, o governo entrar com o seu dinheiro pro outro controlar, entregar uma companhia de aviação ao Canhedo, o que é isso? Pra arrasar o sistema aéreo do país que sempre funcionou?

A Varig é uma das maiores empresas do mundo.



Pedro Melo Zero

“A imprensa comercial é muito corruptível”

Você dizer que a Varig tem um monopólio? Primeiro que ela compete com as empresas estrangeiras, segundo que ela nunca usou esse monopólio pra roubar ninguém, tanto que agora, sem concorrência, está mais caro. Nós é que empobrecemos, o preço dos serviços deles é o mesmo. A Varig nunca foi uma empresa de acumular lucros fabulosos, é uma fundação, é uma empresa fundacional. Então a culpa da nossa pobreza é dos caras que fazem o que há de mais avançado no país? É da Varig, é da Petrobrás ou é do usineiro de Alagoas? De quem é a culpa? Onde nós estamos atrasados? Das nossas empresas de ponta ou no nossos setores reacionários e retrógrados? É uma coisa que não entra na cabeça de ninguém: que um país que tem usineiros de Alagoas vai atacar sua empresa mais avançada. Ataca os usineiros de Alagoas, que submetem aquele povo a uma miséria, um Estado com um índice de 95 mortes por mil de crianças. Não os funcionários da Petrobrás, que comem todo dia e vivem muito bem. A Petrobrás abasteceu de petróleo o país inteiro; o país sofreu o bloqueio internacional e nunca faltou gasolina em lugar nenhum. E ao mesmo tempo se manteve uma atividade econômica importante e tal. Quer dizer, o que acontece no Brasil, é que tá se vendo,

eles estão conseguindo subverter o real. Então a culpa da pobreza do país é do sul desenvolvido. Como? Como a culpa é de quem trabalha? Agora isso nos atinge, porque com esse negócio nós estamos sendo... Claro que você chega a um ponto que certas coisas que você defenderia, por exemplo, a fim da estabilidade no serviço público. É evidente que é uma necessidade em certos contextos. É evidente que há um bando de sujeitos que fazem um carreirismo desse serviço público, que é um nojo.

Não trabalham, picaretas, vagabundos, recebem do governo e não trabalham. Professor que não dá aula é ladrão, devia ser preso, posto na cadeia porque está recebendo dinheiro de um povo miserável que não tem dinheiro pra comer, pra não fazer nada. Só porque é intelectual e bacana. Não é bacana, não é intelectual coisa nenhuma. Tem e que partir pra porrada, como dizem os repórteres policiais de São Paulo. Tudo bem, agora nesse contexto você não pode aceitar uma coisa dessas porque no contexto você está sendo governado pelo atraso. Se fosse em nome da construção de uma universidade eficiente da formação de uma juventude capaz, tudo bem. Mas pra formar o quê?

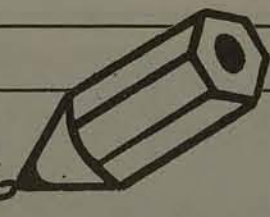
Eduardo - Nilson Lage em Santa Catarina.

Nilson: Bem, eu vim pra cá, eu espero fazer um bom trabalho; na medida do possível espero não me envolver em coisas administrativas ou coisas que me atrapalhem tenho a intenção de ajudar os outros a fazerem essas coisas que eu não quero fazer. (Risos)

E, pode botar a carapuça na cabeça que não é comigo (mais risos). Tenho a intenção de escrever uns livrinhos que eu queria escrever. Tenho a intenção de ver como é possível transar uma

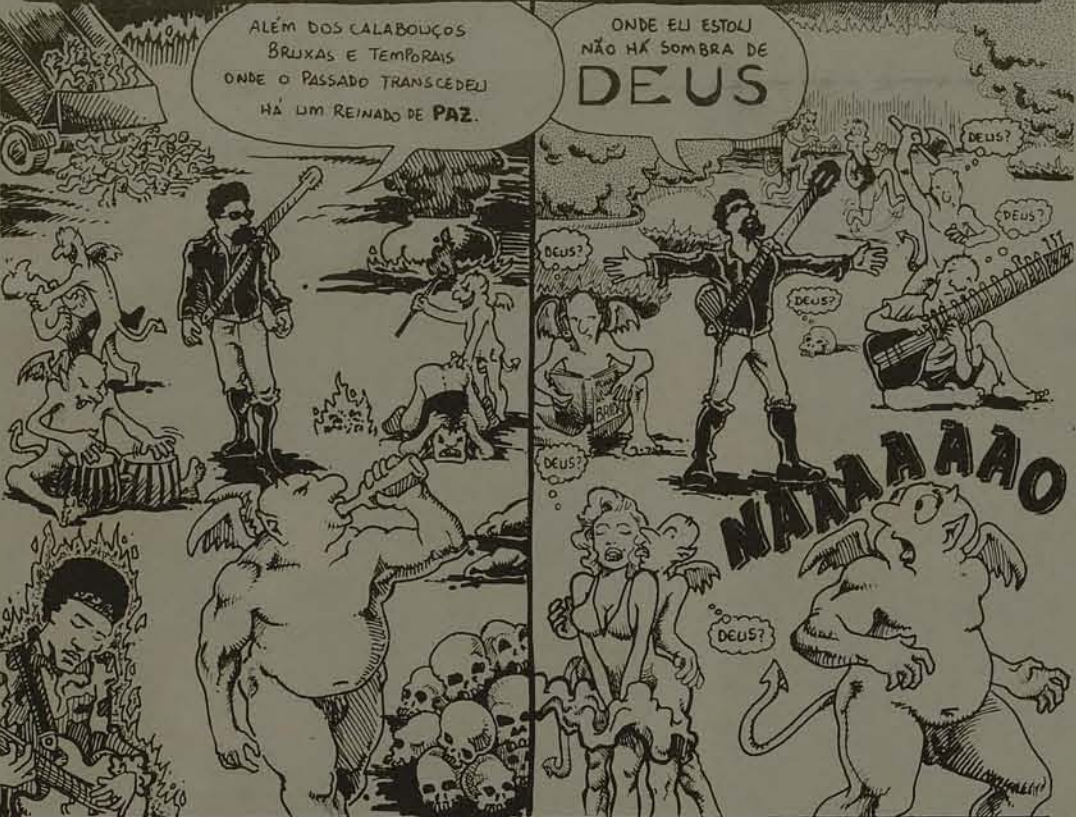
Entregar a Vasp ao Canhedo? Pra que? Pra arrasar o sistema aéreo do País?

pós-graduação no sul. Eu acho que essa universidade não tem condições de agüentar uma pós-graduação por causa do tamanho da escola e do número de titulares. Tem poucos titulados em fim de carreira. Ainda que todos os doutorados previstos terminem, eu creio que é muito pouco. Mas acredito na hipótese de se conveniar com Paraná e Rio Grande do Sul e fazer um mestrado aqui, iniciar uma linha de pós-graduação, que seja uma linha de pesquisa efetiva, em torno de problemas concretos. Então nós vamos fazer o nosso banco de dados, aquelas coisas todas que a gente quer fazer, vamos estudar como é que a informação pode circular. Vamos estudar as tecnologias novas com seriedade, coisa que os jornalistas não fazem, vamos ver como é que se poderia montar a estrutura de produção adequada, vamos estudar linguagem sério, vamos ver que repercussões essas contingências vão ter sobre a linguagem e vamos nos aperfeiçoar a partir disso, dentro de uma perspectiva que seja correta. E eu tenho certeza que uma coisa com esse alinhamento não precise brigar com ninguém, todo mundo tem dinheiro de viver, vamos viver a nossa. Eu tenho certeza que fazendo uma coisa desse tipo nós vamos ser muito mais úteis do que lamentar profundamente a dominação do eixo Rio-São Paulo, que é uma atitude servil e boba. Até porque, as pessoas daqui mitificam o nível acadêmico e cultura das instituições do Rio, São Paulo, que não é em nada superior se comparado. É em nada superior, não é mesmo. Não é pra agradar ninguém, eu não preciso agradar ninguém. Não é, pelo contrário, é muito pobre. Agravado pelo seguinte: são desinteressados. Então ninguém precisa ter um supercérebro pra fazer isso. É um negócio de trabalho, e só trabalhar. E também é nenhum trabalho estafante, é pensar, é um trabalho invisível e que a gente de qualquer maneira tem que exercer, porque senão a gente não pensa nisso, a gente vai pensar na mulher do vizinho, então pensa-se nisso.

José Jr. 

GREVE

BY JOSÉ DA SILVA JÚNIOR



Suas histórias possuem tendências surrealistas, anarquistas e as críticas à Igreja são ásperas e constantes. José da Silva Júnior, 18 anos, ou José Jr., como ele assina, busca inspiração para os seus quadrinhos nos fatos cotidianos. "É aí que está a magia", define.

José está atualmente com dois desenhos expostos no *I Salão Universitário de Humor* da Universidade Metodista de Piracicaba. Um deles é uma crítica ao governo Collor, onde surge o Presidente sentado numa privada, pensativo e dizendo: "Será que não consigo fazer nada diferente até o final do meu mandato?"

Exceto alguns fanzines que veicularam seus quadrinhos, José ainda não conseguiu muito espaço no mercado. O admirador de Will Eisner, Robert Crumb e das histórias dos *Freak Brothers* mantém tripla atividade na UFSC. Cursa Jornalismo, trabalha na editoria de arte da Agência de Comunicação e também desenha cartuns para o *Zero*, *Canudo* e o *Informe CTC* — do Centro Tecnológico. É também o autor do *Papagaio*, que a partir deste número vai ser o porta-voz do *Zero*.

Desenhista desde quando ainda não sabia escrever, José reclama das dificuldades dos quadrinistas: "A gente luta para publicar, mas é difícil, o mercado editorial é fechado. Se quiser, posso passar a vida como designer numa estamperia" e emenda, "mas aí é indústria, não é arte".



Lauro Mareda Zero



No traço de Zé coexistem o non-sense e o real. A reverência ao mito Raul Seixas, para quem fez uma história com enredo todo baseado em suas letras (quadro maior), convive com a iconoclastia. Marilyn, Jimi Hendrix, a Igreja ou Brasília...

FOTOS

Ver e ouvir Marina ao vivo foi uma deliciosa experiência para centenas de pessoas que assistiram seu show em Floripa. Depois de 11 anos de carreira, finalmente Marina Lima chega na ilha, "grávida" de idéias e prazeres. O tradicional engarrafamento no Morro da Lagoa, em direção ao Lagoa Iate Clube não foi empecilho para dizer não-vou-ao-show. Velhos sucessos — *Eu te amo você* e *Veneno* — relembravam os anos 80 cheios de garotas douradas e meninos do Rio. O coro acompanhou *Me Chama* do Lobão, que já é hors-concours na MPB. Mas os anos 90 também estavam lá e a garotada de 13 a 17 anos queria mais *Grávida* e os outros tantos hits do último disco. Fora a péssima qualidade sonora, o clima foi de festa. O prazer de ouvir era complementado pelo de ver, observar e analisar a gostosa Marina. Num mundo de ambigüidades, e androgínias, Marina se revela ao mundo. Clicks do show mostram um pouco da aura intimista que reinou no palco. As fotos de Cristina Gallo convidam ao sabor de mais um bis. Mesmo que seja com aquele velho disco arranhado.



Fotos: Cristina Gallo Zero



ZERO

AGOSTO • 92 • ZERO